



Ministério da Educação
Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Educação e Saúde
Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários
Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em
Economia Solidária no Semiárido Paraibano

Metodologias Pedagógicas Alternativas de EJA na Perspectiva da Economia Solidária

Ozineide Felismino da Costa

CUITÉ – PB

2017

Ozineide Felismino da Costa

**Metodologias Pedagógicas Alternativas de EJA na
Perspectiva da Economia Solidária**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos

CUITÉ – PB

2017

IUFMG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

C837m Costa, Ozineide Felismino da.

Metodologias pedagógicas alternativas de EJA na perspectiva da economia solidária. / Ozineide Felismino da Costa. – Cuité: CES, 2017.

43 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFPG, 2017.

Orientador: Dr. José Carlos Oliveira Santos.

1. Economia solidária. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Material reciclável. I. Título.

Biblioteca do CES - UFPG

CDU 330.873

OZINEIDE FELISMINO DA COSTA

Metodologias Pedagógicas Alternativas de EJA na Perspectiva da Economia Solidária

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em ____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos - Orientador
UABQ/CES/UFCG

Profa. Dra. Marisa de Oliveira Apolinário - Membro
UABQ/CES/UFCG

Profa. Dra. Michelle Gomes dos Santos - Membro
UABQ/CES/UFCG

À minha família !

UFMG/BIBLIOTECA

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Celestial pelas oportunidades que me foram dadas na vida.

Ao meu esposo José Carlos e meus filhos Dannilo, Camille e Millena por ficarem sozinhos aos sábados, e a todos da minha família, por me apoiarem em todos os momentos da minha vida.

Ao meu orientador, José Carlos Oliveira Santos, por ter aceito me encaminhar neste processo de aprendizagem e no desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus amigos e companheiros do curso principalmente Josivânia, Aracélia, Carlos, Enilma e Marly que me apoiaram no decorrer deste curso.

Ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano na pessoa de sua Coordenadora Profa. Dra. Cláudia Patrícia, pela oportunidade da realização do curso.

A todos os professores da Especialização, pois cada um deles contribuiu de forma significativa para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos membros da banca examinadora por aceitarem o convite em participar deste momento tão importante para minha vida profissional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Aluno acima de 60 anos matriculado na EJA.	27
Figura 2. Principais motivações do retorno ao estudo segundo os entrevistados.	28
Figura 3. Entrevista com os alunos de EJA.	30
Figura 4. Móveis produzidos pelos alunos.	31
Figura 5. Apresentação dos materiais produzidos na feira de ciências da escola	32
Figura 6. Palestra apresentada para os alunos da EJA.	33

COSTA, O. F. **Metodologias Pedagógicas Alternativas de EJA na Perspectiva da Economia Solidária**. 2017. 42 p. Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Universidade Federal de Campina Grande. Cuité, 2017.

RESUMO

A economia solidária vem ocupando um papel significativo nas formas de organização do trabalho, como uma alternativa ao desemprego e ao trabalho precário no âmbito do sistema capitalista brasileiro. Esta alternativa de produção que acontece dentro do capitalismo pode se aliar aos programas de educação de jovens e adultos no sentido de criar uma nova consciência rumo às práticas solidárias do trabalho. O presente estudo teve como finalidade utilizar práticas pedagógicas alternativas que objetivaram sensibilizar as pessoas para a preservação ambiental através da reutilização de garrafas plásticas transformando-as em móveis, correlacionando com a possibilidade de agregar valor aos materiais e desenvolver a economia solidária entre alunos da EJA. Esta pesquisa foi implantada na Escola Municipal Severino Ramos da Nóbrega, na 3ª e 4ª séries da EJA, na Cidade de Picuí, Paraíba. Apesar das dificuldades em obter número desejado de garrafas e devido as outras atividades desenvolvidas pelos alunos de EJA, observou-se grande motivação por parte destes em participarem da atividade pedagógica. Com uma prática pedagógica inovadora pôde-se ensinar de forma alternativa, apresentando uma solução ambientalmente correta para a destinação final das garrafas plásticas usadas e, também uma forma mais rentável para outras pessoas arrecadarem dinheiro com a manufatura destes materiais, e procurando-se implementar entre eles uma economia solidária.

PALAVRAS-CHAVE: Material Reciclável, Educação de Jovens e Adultos, Economia Solidária.

COSTA, O. F. **Alternative Pedagogical Methodologies of EJA in the Perspective of the Solidarity Economy**. 2017. 42 p. Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Universidade Federal de Campina Grande. Cuité, 2017.

ABSTRACT

Solidary economy has been playing a significant role in the organization of work as an alternative to unemployment and precarious work within the Brazilian capitalist system. This alternative of production that happens within capitalism can ally itself with programs of education of young people and adults in the sense of creating a new conscience towards the practices of solidary work. The purpose of this study was to use alternative pedagogical practices that aimed to sensitize people to environmental preservation through the reuse of plastic bottles, transforming them into furniture, correlating with the possibility of adding value to materials and developing solidarity economy among EJA students. This research was implemented in the Municipal School Severino Ramos da Nóbrega, in the 3rd and 4th series of the EJA, in the City of Picuí, Paraíba. Despite the difficulties in obtaining a desired number of bottles and due to the other activities developed by the students of EJA, it was observed a great motivation on the part of these to participate in the pedagogical activity. With an innovative pedagogical practice it was possible to teach in an alternative way, presenting an environmentally correct solution for the final destination of the used plastic bottles and also a more profitable way for other people to raise money from the manufacture of these materials, and trying to implement among they are a solidarity economy.

KEYWORDS: Recyclable Material, Youth and Adult Education, Solidarity Economy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Educação de Jovens e Adultos	12
2.2 Economia Solidária	15
2.3 Novas Metodologias em EJA	20
3. METODOLOGIA	23
3.1 Local de Estudo	23
3.2 Procedimentos	23
3.3 Natureza da Pesquisa	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	39

1. INTRODUÇÃO

A escola enquanto instituição social tem diante de si como um de seus principais objetivos a construção do espírito de cidadania e o desenvolvimento de habilidades na preparação de um indivíduo para uma vida social atuante, principalmente, quando esta tem como público jovens e adultos que estão inseridos na sociedade, muitas vezes de forma passiva, excluídos e considerados como analfabetos funcionais por não conseguirem agir de forma política, sem conseguir traçar objetivos coerentes e eficazes para atender suas especificidades.

Diante de toda a construção histórica da educação de jovens e adultos no Brasil, torna-se notório uma instabilidade em conceber e até separar esta modalidade de ensino da educação regular, pois esta sofreu a influência de diversos interesses políticos vigentes em cada década, passando de uma educação para o trabalho e para no início do segundo milênio ser uma educação que instrumentalize os jovens e adultos para exercerem o direito a cidadania e a educação de qualidade, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, que revela ser a educação direito de todos e dever do Estado (PAIVA, 2006). Diante deste cenário pedagógico de mudanças rápidas e de metas que necessitam estar atentas ao resgate dos valores sociais e de democracia, a contribuição de novas práticas na ação pedagógica é essencial. Neste sentido é importante, pensar e repensar a educação de jovens e adultos sob o olhar da economia solidária, de como o professor poderá estar agindo em uma educação inclusiva (GADOTTI, 2013).

Muitos ainda percebem a educação de jovens e adultos como sendo simplesmente alfabetização (HADDAD, 2007), isto é, domínio da leitura e da escrita. Sabe-se da importância crucial desta etapa, mas necessariamente a educação de jovens e adultos envolve outras áreas do conhecimento (da tecnologia, das ciências, da comunicação, da política, etc.) e outras linguagens (linguagem corporal, do teatro, das ciências, da informática, da televisão, etc.). A educação de jovens e adultos, ainda que nos pareça apontar apenas para o domínio do alfabeto, da grafia e da leitura, obrigatoriamente nos leva para outra instância: aquela que vai mais além da atividade ligada à língua, mas, também às relações de ordem social, econômica, política e cultural à qual pertencemos (DI PIERRO *et al.*, 2010).

Ao procurar-se vincular a educação de jovens e adultos com a economia solidária, pode-se observar que o trabalho é o princípio educativo deste processo,

porém a educação de jovens e adultos por si só não irá reintegrar o jovem e o adulto que não obtiveram uma educação em idade regular no mercado de trabalho, então a economia solidária, que é uma economia diferenciada, com seus princípios de autogestão, cooperativismo, união, solidariedade, tendo como foco o ser humano e não o lucro, e sim o ser humano, pode trazer para o processo educativo sentidos mais amplos articulando com as relações da ordem social, econômica, política e cultural à qual fazemos parte (ARROYO, 1991; IRELAND *et al.*, 2017; BRUNEL, 2011).

Segundo Paul Singer (2005), a economia solidária é um modo de produção cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual.

Algumas práticas pedagógicas podem relacionar a economia solidária com a educação de jovens e adultos, dentre elas têm-se a questão ambiental (SOUZA e SILVA, 2016; ALBUQUERQUE e CAVALCANTI, 2016; SILVA e VITAL, 2016). O desenvolvimento de um projeto pedagógico de caráter ambiental é um caminho de grande importância para todo cidadão, onde pode ocorrer a multiplicação do saber e desencadeamento de ações em conjunto em busca de um ambiente harmonioso a todos (PENTEADO, 1999; PADUA e SÁ, 2002).

Apesar de existir muitos catadores no Brasil, o grande problema é o baixo retorno da atividade de recolhimento e comercialização da sucata, fato que leva as cooperativas a tentarem agregar maior valor aos produtos manufaturando-os (CORREA, 2010). O problema da destinação adequada e produção de lixo é um desafio a ser abordado na educação ambiental e ser compreendido por cada indivíduo por ser ele parte atuante desse que é um dos mais preocupantes problemas ambientais (DIAS *et al.*, 2008).

Observando os problemas sociais, econômicos e ambientais em que muitos alunos da educação de jovens e adultos no Brasil estão inseridos (GADOTTI e ROMÃO, 2008), além da problemática do lixo e o aumento do número de catadores de recicláveis com a remuneração injusta pelo esforço, o presente trabalho apresentará uma forma ambientalmente correta e socialmente justa de recuperar garrafas plásticas usando-as na confecção de móveis simples, através de uma prática pedagógica alternativa na educação de jovens e adultos, visando sua perspectiva como economia solidária.

Na prática pedagógica, é relevante que o educador adapte suas aulas buscando alternativas e materiais que sejam particularmente interessantes, que correspondam às expectativas e necessidades do educando jovem e adulto para que possa solucionar algumas situações de dificuldade de aprendizagem apresentadas em sala de aula e, ao mesmo tempo, desenvolver suas habilidades para o exercício da cidadania.

A produção de móveis a partir de garrafas plásticas pode se tornar realidade graças à criatividade e dedicação de professores de educação de jovens e adultos através de práticas pedagógicas alternativas (CORREA, 2010). De acordo com o desenvolvimento da pesquisa, pode-se contribuir muito com o meio ambiente e desenvolvimento social dos alunos de educação de jovens e adultos, inclusive no tocante ao incentivo à economia solidária.

Desta forma o objetivo deste estudo é utilizar práticas pedagógicas alternativas na Educação de Jovens e Adultos visando sua perspectiva para uma Economia Solidária. Dentre os objetivos específicos temos:

- Conhecer o perfil dos alunos de EJA da referida escola;
- Produção de móveis usando garrafas plásticas por alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA;
- Difundir a produção destes materiais em feira de ciências da escola;
- Incorporar novas perspectivas de economia solidária frente à produção destes materiais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação de Jovens e Adultos

As atuais políticas públicas voltadas para o âmbito educacional no Brasil têm sofrido a influência cada vez mais perversa do modelo econômico vigente, o neoliberalismo. É neste cenário que vivenciamos uma perspectiva educacional que segrega o alunado, fragmenta o conhecimento, traduzido em um currículo engessado, e reduz a escola a um mero processo de formação baseado apenas na transmissão de conteúdos científicos onde poucas vezes estes são vistos como necessários aos estudantes para sua vida cotidiana. Os resultados desta política mercadológica de educação podem ser constatados nos altos índices de analfabetos funcionais, conseqüentemente, o aumento significativo das taxas de evasão e repetência que se configuram como um dos grandes desafios da educação brasileira (SINGER, 1998).

A precariedade do ensino regular tem seus reflexos na Educação de Jovens e Adultos – EJA, modalidade da educação, que expressa a conquista do direito à educação para aqueles que não tiveram acesso a escola na idade regular e/ou tiveram o percurso escolar interrompido por diferentes motivos, nos níveis de ensino fundamental e médio. Legalmente garantida e regulamentada pela Constituição de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96 e pela Resolução CNE/CEB Nº 1, de 05 de julho de 2000 (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

A EJA emerge de lacunas do sistema educacional regular (processo de escolarização) e compreende um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais.

Muitos destes processos se desenvolvem de modo mais ou menos sistemático fora de ambientes escolares, realizando-se na família, nos locais de trabalho, nos espaços de convívio socioculturais e lazer, nas instituições religiosas e, nos dias atuais, também com o concurso dos meios de informação e comunicação à distância. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 4).

De acordo com Haddad e Di Pierro (2000), qualquer tentativa de historiar um universo tão plural de práticas formativas implicaria risco de fracasso, pois a EJA estende-se por quase todos os domínios da vida social. Assim, o texto que

segue aborda os processos sistemáticos e organizados de formação geral de pessoas jovens e adultas no Brasil, conferindo especial atenção à educação escolar, ou seja, à escolarização de jovens e adultos.

Em seu percurso histórico a Educação de Jovens e Adultos se caracterizou pela luta e conquista dos setores populares e movimentos sociais ao direito a educação para as pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na "idade própria". A consolidação da EJA como modalidade educacional preconizou o desenvolvimento de inúmeras políticas públicas voltadas para este público, mas que pouco disponibilizou recursos necessários à infraestrutura e formação/capacitação de seus profissionais (DI PIERRO *et al.*, 2010).

A EJA traz diversas especificidades que devem ser evidenciadas para que o ato educativo, tanto para quem ensina, como para quem aprende, aconteça de fato. No entanto, a história nos mostra que a preocupação com essa modalidade de ensino, além de ser recente no cenário educacional, também não aparece nas prioridades das políticas públicas para a educação com tanta força como deveria, já que o número de pessoas jovens e adultas que foram privadas da escolarização regular durante a infância é grande. É verdade também que existem programas nacionais atuando nesse contexto, porém, há uma grande preocupação com as metodologias utilizadas. Não se trata apenas do acesso ao saber escolarizado, mas também da socialização e construção de uma formação geral (VIEIRA, 2004; RUMMERT e VENTURA, 2007).

Em consonância com a LDB, Lei nº 9394/96, Artigo 37, a educação de jovens e adultos, é uma modalidade da educação básica “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996). Além da elevação do nível de escolaridade da população, segundo o Artigo 22 da referida lei, a EJA tem como finalidade o desenvolvimento da autonomia dos educandos, a sua preparação para o mundo do trabalho e para o prosseguimento nos estudos, assim como o compromisso com a formação humana dos mesmos.

Romão (2006) esclarece que essa modalidade de ensino possui uma clientela diversificada com relação à faixa etária, a situação socioeconômica e cultural, ao tipo de ocupação que exerce e o motivo pelo qual ingressaram na EJA. Portanto, cabe a EJA, como modalidade da educação básica, considerar o perfil dos educandos, seu ritmo de aprendizagem e outras especificidades, além de garantir o

cumprimento das suas funções que são: “função reparadora, função qualificadora e função equalizadora”.

De acordo com Brasil (2000, p.7-8), a função reparadora não se refere apenas ao restabelecimento de um direito negado, mas assegura o direito a uma educação com a mesma qualidade do ensino regular. Já a função equalizadora oferece igualdade de oportunidade possibilitando, aos alunos, a inserção e permanência no mundo do trabalho, na vida social e cultural. Assim sendo, a EJA é percebida como uma promessa para transformar a vida de todos que dela necessite. Brasil (2000, p.10) afirma que: “Ela possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, possibilita um nível técnico e profissional mais qualificado”. A função qualificadora que é “função permanente da EJA” refere-se à educação contínua e progressiva do indivíduo oportunizado a busca a novos conhecimentos, além de promover a atualização dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos. Ou seja, ao cumprir estas três funções a EJA estará proporcionando uma formação na qual os direitos de cada cidadão sejam reconhecidos, garantidos e respeitados de forma igualitária.

A EJA deve ser entendida como modalidade de educação que ultrapassa a transmissão de conteúdos científicos e refere-se aos processos educativos mais amplos voltados para a formação humana de seus sujeitos. Nesta perspectiva, os sujeitos da EJA devem ser analisados dentro de um determinado tempo de vida, com especificidades próprias e que chegam a escola com inúmeras experiências, conceitos e valores que retratam seus anseios, desafios e expectativas quanto ao seu processo de formação (RUMMERT, 2007).

Como nos níveis de ensino, a modalidade EJA também enfrenta desafios para continuar na ativa. A evasão, por exemplo, faz parte destes e pode ser comprovada por meio de pesquisa bibliográfica e de campo (MACHADO, 2000), que apresentam alguns impasses para que estes educandos continuem na escola.

Há décadas que se buscam métodos e práticas adequadas para serem aplicadas na EJA. O uso de cartilhas e metodologias inadequadas sempre preocupou os educadores. Porém, infelizmente essa problemática ainda permeia os tempos atuais. Uma das formas de modificar esta realidade é que o professor entenda. Segundo Rocha e colaboradores (2002), o processo de ensino e aprendizado tem que se fundamentar na confiança que o educador apresenta para seu aluno no que

refere à sua capacidade de criar, aprender, descobrir, buscar, desafiar, escolhendo e assumindo a sua posição mediante a sua escolha e determinação, fazendo com que o educando se sinta motivado a aprender mais e mais, promovendo a construção do conhecimento. Para Souza (1999), tem sido apontado em vários estudos para se alcançar uma prática pedagógica que possibilite uma aprendizagem significativa, é imprescindível que sejam consideradas, no processo educativo, informações que desvelem o contexto no qual os educandos estão inseridos.

Para uma educação de jovens e adultos que forme o cidadão, faz-se necessário embasar-se na realidade do educando, transpondo o ensino e aprendizado como meio de relacionamento sólido e eficaz na sua formação educacional, levando o mesmo a ser crítico, reflexivo, tendo um novo olhar para o meio que o cerca.

2.2 Economia Solidária

O conceito de Economia Solidária na Europa, segundo Gaiger (2009), tem sua origem em um novo capítulo da história da Economia Social, cujas raízes mais distantes datam do século XIX. Ele explica que, naquela época, face às turbulências sociais provocadas pela Revolução Industrial, o associativismo surgiu como uma resposta de operários e camponeses que se caracterizava desde seus primórdios por formas de gestão autônomas e democráticas. Para vários autores (ALVES *et al.*, 2016), o conceito de Economia Solidária baseia-se em uma ênfase sobre o desejo da Economia Social, em sua origem, de evitar o fosso entre o econômico, o social e o político, pois é na articulação dessas três dimensões que se situam os fundamentos essenciais das Economias Social e Solidária. Os termos, segundo esses autores, tentam dar conta da originalidade de numerosas iniciativas da sociedade civil, que não se encaixam na trilogia legalizada na França das cooperativas, mutualidades e associações. Entretanto, os autores alertam que o termo não é a expressão do que seria desejável fazer, e sim, visa muito mais problematizar práticas sociais implantadas localmente.

Para Gaiger (2009), a Economia Social se opôs às tendências de redução da economia ao princípio do mercado e à racionalidade da acumulação privada. Com tais premissas, desempenhou um papel considerável na construção de regimes de bem estar social. Mas o referido autor também explica que essa Economia Social começou a apresentar sinais de enfraquecimento, no limiar do século XX, pois o movimento operário perdeu aos poucos o seu caráter mobilizador, e devido ao fato de ela sofrer um

processo de assimilação ao regime dual Estado-mercado. Na medida em que o mercado e o Estado foram assumindo suas funções de geração de riqueza e de assistência social, a solidariedade do tipo associativo recuou para um papel subsidiário.

Depois de um longo período de mudanças sociais, políticas e econômicas, marcadas, por exemplo, pelo envelhecimento da população, o reconhecimento e expansão dos serviços de cuidados às pessoas, o aumento das desigualdades gerado pela sucessão de políticas neoliberais e pela globalização resultante, presenciou-se a nova geração da Economia Social. A respeito disso, Gaiger (2009) faz as seguintes ponderações:

"Suas ações concretas e suas bandeiras atuais reclamam o caráter universal irrevogável dos direitos dos cidadãos e a necessidade de um novo sistema de regulação da economia. Ela refuta a separação entre as esferas social e econômica e a omissão dos seus vínculos recíprocos no debate político em torno dos modelos de sociedade. Seu olhar crítico sobre o silêncio da Economia Social precedente a respeito dessas questões, sua insistência quanto à dimensão política das iniciativas que promove e sua adesão aos movimentos alternativos conduziram vários dos seus defensores a designá-la de Economia Solidária, termo então predominante na América Latina" (GAIGER, 2009, p. 84).

Na América Latina, o surgimento do conceito da Economia Solidária está relacionado aos aspectos e elementos constituintes da Economia Popular. Esta, por sua vez, é criada pelos próprios trabalhadores que não possuíam os meios de produção diante das transformações que estão ocorrendo no processo de trabalho (LEBOUTTE, 2003). Para Cattani (2003), as circunstâncias enfrentadas pelos trabalhadores fizeram com que surgissem empreendimentos que constituem a Economia Popular, tais como mercados populares, grupos de produção comunitária, associações, cooperativas, entre outros. Esses empreendimentos eram caracterizados por serem iniciativas informais e individuais, e organizados por grupos pequenos e/ou familiares. Surgiram para o enfrentamento das dificuldades geradas pela questão social e constituem-se em soluções assistenciais e são conhecidos pela inserção em benefícios públicos ou privados (RAZETO, 1997; SINGER, 2002). Essa atividade de empreendimento social e econômico suscitada pelos trabalhadores em busca de melhores condições de trabalho e vida também é designada e difundida por muitos como Economia Solidária.

O conceito de Economia Solidária, na América Latina, refere-se essencialmente ao conjunto de iniciativas que, a partir da associação livre e democrática dos trabalhadores, visa ganho econômico e benefícios como qualidade de vida, reconhecimento e participação cidadã (GAIGER, 2009). Para Singer e Souza (2000) ela é referida como um marco das relações socioeconômicas comunitárias locais, regionais

e em redes, que se expandem em diferentes espaços geográficos. Gaiger (2004) resume a Economia Solidária como uma atividade de projeção e busca de reconhecimento na esfera pública, de reivindicação e de institucionalização das classes mais necessitadas, pela qual ela se constitui como um movimento social atuante no cenário político da América Latina.

De forma geral, a Economia Solidária não é uma alternativa somente para os pobres e excluídos, mas proporciona avanços em diversos domínios e contextos, e envolve de maneira responsável amplos segmentos da sociedade. Essa nova economia se propõe a recuperar socialmente o que o progresso tecnológico proporcionou e excluiu em determinadas situações (CATTANI, 2003). No entendimento de Singer (2002, p. 10), "a Economia Solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda". Assim, a economia solidária pode ser definida como "uma série de experiências organizacionais inscritas numa dinâmica atual em torno das chamadas novas formas de solidariedade" (FRANÇA FILHO, 2004, p. 13).

Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, a Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida. Já os apontamentos do Ministério do Trabalho e Emprego, definem a Economia Solidária como um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente, e cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem (ALVES *et al.*, 2016).

A economia solidária surge como modo de produção, distribuição, consumo e convivência alternativa ao capitalismo, causando o princípio da unidade entre a posse e o uso dos meios de produção e distribuição. A lógica da economia solidária é a oposição à ditadura do capital e ao poder ilimitado que o direito de propriedade proporciona, excluindo e controlando vidas num processo de seleção que teima em querer ser visto

como natural (ALVES *et al.*, 2016). A aceitação de tais desigualdades e o seu revestimento de um caráter irremediável, só serve para abalar a própria estrutura democrática em que se apoiam as sociedades modernas, inviabilizando qualquer processo de avanço no campo da participação popular.

A economia solidária é uma criação em processo contínuo de trabalhadores em luta contra a lógica perversa do capitalismo dominante. Concentra-se na organização de trabalhadores em prol de projetos cooperativos, que vão desde unidades produtivas autogestionárias, ou pequenos produtores que se unem para comprar e vender em conjunto, a diferentes formas de agricultura familiar, redes de comércio justo, incubadoras de empresas, clubes de troca e de microcrédito; entre outras tantas experiências que têm em comum a geração de trabalho e renda de forma mais justa, solidária e sustentável, extinguindo desta forma a maximização do lucro como fim maior e substituindo a máxima: “quanto mais tenho, mais quero” por “o necessário, mas para todos” (SINGER e SOUZA, 2000).

A economia solidária apoia-se num conjunto de princípios que lhe garante certa identidade, mesmo comportando múltiplas e variadas experiências. As distinções em relação ao modelo econômico tradicional são sistematizadas por Singer e Souza (2000, p. 13) a seguir:

- a) Posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que os usam para produzir;
- b) Gestão democrática da empresa ou por participação direta ou por representação, dependendo do número de cooperados.
- c) Repartição da receita líquida entre os cooperados, conforme decisão em assembleia.
- d) Destinação do excedente anual (sobras), segundo critérios acertados entre todos.
- e) A cota básica do capital de cada cooperado não é remunerada.
- f) Somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

Singer (1998) destaca que as organizações de economia solidária devem procurar um desenvolvimento sistêmico, priorizando produtos e matérias-primas provenientes de outras organizações com princípios e valores semelhantes, contribuindo, portanto, para a formação e consolidação de verdadeiras redes de economia solidária, umas consumidoras das outras, em cadeia e sem atravessadores, de forma vantajosa para todo o sistema.

Para Paul Singer (1998), o maior obstáculo não está em encontrar uma ou múltiplas formas organizacionais apropriadas e coerentes com o ideal de cooperação e que demonstrem viabilidade e eficiência gerencial e econômica. O maior problema encontra-se na capacidade de mobilizar as massas de inativos e marginalizados a empreenderem, para que passem de uma cultura de passividade e alienação para uma condição proativa e emancipadora. Tudo isto poder ser realizado de forma conjunta e solidária, sobrepondo-se aos modelos individualistas dominantes.

O mundo capitalista ao qual vivemos, em sua totalidade vem gerando uma grande produção de desempregos, o mercado produtivo está fortemente seletivo, pois cada vez mais pessoas são excluídas desse mercado de trabalho formal, e os mais atingidos são os que não são escolarizados.

A economia solidária é uma alternativa para superar esses problemas causados pelo capitalismo, não só gerando uma forma de emprego e renda, mas também formando uma sociedade mais solidária. Uma das finalidades mais importantes nesse tipo de economia é que não existe patrão ou empregado, todos participam dos lucros e prejuízos do empreendimento, ou seja, praticam uma autogestão. Embora os participantes dos empreendimentos executem tarefas diferentes, todos têm o mesmo valor, pois visam um bem comum, os mesmos objetivos.

A economia solidária envolvendo a Educação de Jovens e Adultos sugere o trabalho como um processo educativo, o trabalho não como um ofício, mas sim como a capacidade de agir de modo específico ou produzir algo específico, diferenciando um ser humano do outro, podendo assim desenvolver nas comunidades soluções simples de convívio e de organização (ALBUQUERQUE e CAVALCANTI, 2016; ALVES *et al.*, 2016).

2.3 Novas Metodologias em EJA

Ao longo dos anos a educação brasileira tem sido influenciada por várias tendências pedagógicas cujas características causam interferência na metodologia utilizada pelos professores na sala de aula. Portanto, faz-se necessário esclarecer o que é metodologia de ensino. Assim sendo, metodologia de ensino pode ser compreendida como um conjunto de ações desenvolvidas pelo professor visando

alcançar os objetivos propostos, e não como um roteiro prescritivo que busca promover uma ação docente mecanizada a qual desconsidera o contexto em que o aluno está inserido (ARAÚJO, 2006). Por isso, é fundamental que o professor tenha clareza do que, para que, como e a quem está ensinando, para, a partir daí, utilizar uma metodologia que contemple as necessidades educacionais do aluno. Visto que, os conteúdos são insuficientes para promover a eficácia da aprendizagem, além de não garantir a boa qualidade do ensino, embora sejam imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, a metodologia precisa considerar aspectos inerentes ao educando, como: seu ritmo de aprendizagem, suas vivências extra-escolares, sua faixa etária e suas potencialidades, entre outros (BEHRENS, 1996; GALLO, 1999).

Os desafios relacionados às práticas pedagógicas estão focados no professor, ou seja, o educador precisa rever seus conceitos e fazer uma autoavaliação do seu trabalho que, por sinal, reflete na vida do aluno, tanto podendo ser o resultado positivo como negativo.

Para além da alfabetização, o sentido cada vez se afastou mais, nas políticas públicas, das conquistas e do reconhecimento do valor da educação como base ao desenvolvimento humano, social e solidário. Mais do que alfabetização, o direito constitucional de ensino fundamental para todos sintetizou o mínimo a que se chegara: o de aprender a ler e a escrever com autonomia. Isso significa ter domínio suficiente para, em processo de aprendizado continuado, se manter em condições de acompanhar a velocidade e a complexidade do mundo contemporâneo, que exige aprender continuamente, por toda a vida, ante os avanços do conhecimento e a permanente criação de códigos, linguagens, símbolos e de sua recriação diária (OLIVEIRA, 2003).

No mesmo sentido, as escolas regulares enfrentam dificuldades de comunicação entre os jovens e seus professores decorrentes do mesmo tipo de inadequação. É comum observarmos situações escolares nas quais os professores buscam explicar alguns conteúdos aos alunos, de acordo e a partir de suas próprias perspectivas e entendimentos, e estes não compreenderem o que ocorre, ou não terem nenhum de seus interesses despertados pela aula. Mais uma vez, o que percebemos é que os critérios e modos de seleção e organização curricular não buscam dialogar nem com os saberes nem com os desejos e expectativas dos jovens a que se destinam, permanecendo enclausurados nas certezas de uma “ciência” que, em

nome das suas supostas objetividade e neutralidade, abdica de se comunicar com o mundo das pessoas. A linguagem e a lógica que a preside na escola também não dialogam com as dos alunos jovens, sejam eles oriundos de classes desfavorecidas ou não. Além disso, na imensa maioria das propostas curriculares, a própria organização e seleção de conteúdos não segue em nenhum momento a complexidade do estar no mundo, da vida cotidiana e das aprendizagens que nela ocorrem. Mas, apesar de todas essas dificuldades e entraves, a vida real nas escolas, sejam elas de crianças, de jovens ou de adultos, não ocorre apenas em função das propostas e prescrições curriculares que são formuladas, mas incorporam no seu cotidiano as experiências, saberes e possibilidade dos sujeitos envolvidos na prática cotidiana do ensinar/aprender. Ou seja, apesar da estruturação desfavorável do trabalho, muitos saberes e aprendizagens circulam por nossas escolas e pelos nossos alunos (MACEDO *et al.*, 2002).

Em relação à EJA, considerando-se o fato de ter uma clientela impar, a metodologia poderá ser um dos agentes causadores do alto índice de evasão escolar nesta modalidade de ensino, uma vez que os professores insistem em utilizar metodologias infantilizadas, sem considerar a rotina de quem estuda e trabalha (FREIRE, 1998). No entanto, problemas como esses podem ser resolvidos quando o professor conhece as especificidades desse público e usa do cotidiano do aluno como eixo condutor das aprendizagens, essa atitude torna-se imprescindível, para o profissional docente que optar por trabalhar com alunos da EJA, uma vez que se acredita na importância da educação, do ensino sistematizado para a promoção do jovem e do adulto não alfabetizado na atual conjuntura política, econômica e social, promovendo-o como real cidadão (IRELAND, 2008).

Os profissionais da EJA precisam compreender que os alunos da EJA, trazem os saberes da prática, que é a bagagem de conhecimentos que os alunos já trazem da sua convivência social. O aprendizado dos educandos no ambiente escolar, não se restringe aos aspectos formais materializados no currículo institucional ou formal, pois não há neutralidade no processo de ensino e aprendizagem visto que, o processo educacional é complexo e diferente em cada organização de ensino que têm seu próprio currículo oculto a partir de sua contingência (GONÇALVES, 2002). Por mais que não saibam ler e escrever eles tem contatos visuais com revistas, livros, fotos, televisão onde podem também ouvir informações tanto no rádio como na televisão, sem contar nas experiências

que trazem da família e do trabalho, onde a partir desses conhecimentos eles constroem seus próprios conceitos e ideias sobre algum assunto. A bagagem de conhecimento que os educandos trazem, devem ser considerados pelo professor porque o mesmo trabalhará a partir dessa realidade.

A Educação de Jovens e Adultos exige do educador uma metodologia diferenciada de outras modalidades de ensino, bem como uma relação afetiva entre professor/aluno. Para Libâneo (1992), o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. Nesse contexto, o educador da EJA deve estar preparado para a diversidade existente na sala de aula as diferenças de comportamento e de necessidades de jovens e adultos, pois, uma prática usada com um jovem pode não facilitar a aprendizagem de um adulto, dessa forma o professor deve ser flexível e saber trabalhar com essas diferenças. O professor precisa estar atento a sua prática educativa, é necessário deixar de lado na sua prática pedagógica métodos de ensino infantilizados dando espaço para o diálogo, exposição de ideias, pontos de vistas, enfim, garantir que o aluno desenvolva o processo de democratização e cidadania de educação para EJA.

3. METODOLOGIA

3.1 Local de estudo

O presente estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Ramos da Nóbrega localizada no município de Picuí, Paraíba. O trabalho foi desenvolvido com aproximadamente 20 alunos da 3ª e 4ª séries da Educação de Jovens e Adultos, turno noturno, durante o ano de 2016.

3.2 Procedimentos

A pesquisa foi dividida em três etapas. No primeiro momento foram confeccionados materiais alternativos (móveis) usando garrafas plásticas com o objetivo de contextualizar alguns assuntos abordados em sala de aula, como geometria, números, meio ambiente, dentre outros. No segundo momento, foi realizada uma palestra sobre a importância da reciclagem e sua utilização como fonte de renda. No terceiro momento foi aplicado um questionário semiestruturado visando caracterizar os alunos da turma, bem como verificar suas concepções acerca da metodologia de ensino adotada, além de estabelecer relação entre a produção dos materiais e a economia solidária.

No primeiro momento, os materiais utilizados foram tesouras, fitas adesivas largas e garrafas plásticas de 2 litros. A fita adesiva larga foi necessária para fixar as garrafas plásticas cortadas umas nas outras e dar firmeza aos móveis produzidos. As garrafas plásticas foram de dois litros e padronizadas com o mesmo formato para dar o encaixe correto quando eram cortadas. A forma de trabalho utilizou-se da técnica de agrupamento de garrafas (CORRÊA, 2010).

A palestra como parte da pesquisa foi realizada na feira de ciências da Escola, objetivando relacionar a produção de materiais expostos como fonte de renda.

No terceiro momento foi aplicado um questionário (APÊNDICE).

3.3 Natureza da Pesquisa

No primeiro momento foi realizada uma pesquisa experimental, onde os alunos construíram seus materiais usando garrafas plásticas.

No segundo momento, seguindo os pressupostos da abordagem qualitativa, esta investigação utilizou a pesquisa de campo como instrumento para coletar dados e adotou como técnica de investigação o questionário semi-estruturado, ou seja, com perguntas abertas e fechadas que foram entregues, pessoalmente, para os alunos que atuam na EJA na escola campo de pesquisa. Conforme Marconi e Lakatos (1999), “o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Por isso, no momento da entrega dos questionários, a pesquisadora efetuou, de maneira verbal, os esclarecimentos a respeito do propósito da aplicação dos mesmos, além de ressaltar a relevância da colaboração das pesquisadas.

Para finalizar o trabalho, ou seja, para se considerar as informações obtidas durante a pesquisa, foram realizadas as análises dos dados baseados no referencial teórico objetivando contribuir para uma reflexão do processo de ensino-aprendizagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A turma de 3ª e 4ª séries da Educação de Jovens e Adultos iniciou o ano letivo de 2016 com 22 alunos e destes, apenas 16 concluíram. Muitos alunos afirmam que estudar é importante, mas quando estão matriculados em um programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que se verifica é uma significativa taxa de infrequência, além da alta evasão. Entretanto, cabe ressaltar que infrequência não está relacionada com o mesmo conceito de “evasão”.

Para Campos (2003) a evasão escolar na EJA pode ser registrada como um abandono por um tempo determinado ou não. Diversas razões de ordem social e principalmente econômica concorrem para a “evasão” escolar dentro da EJA, transpondo a sala de aula e indo além dos muros da escola.

Santos (2007) elenca dados sobre os fatores que causam evasão no EJA: a distância da escola; o cansaço do aluno que trabalha o dia inteiro; a inadequação da sala de aula para jovens e adultos/idoso, que muitas vezes não tem iluminação adequada; a ausência de um lanche a ser distribuído ao aluno que vem direto do trabalho para a escola; e o despreparo do corpo docente para trabalhar com a especificidade da EJA, pois, muitas vezes o professor não valoriza a experiência de vida que este aluno já traz consigo, como trabalhador, como adulto inserido num processo de produção.

Dos 16 alunos participantes da pesquisa, 12 (75%) são do sexo feminino e 4 (25%) masculino. Enquanto que destes, 8 alunos estão na faixa de 40 a 50 anos, 3 alunos na faixa de 17 a 20 anos, 3 alunos acima de 60 anos e 02 alunos na faixa de 30 anos a 39 anos (Figura 1).

Figura 1. Aluno acima de 60 anos matriculado na EJA.



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

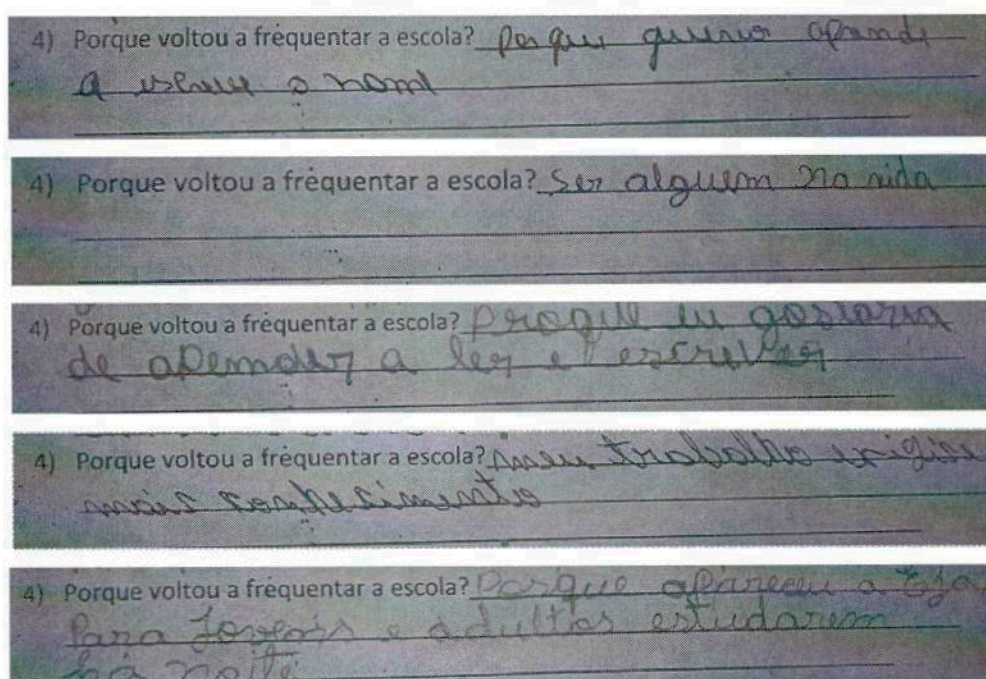
A heterogeneidade é fato presente na sala de aula e esse fato aumenta a responsabilidade dos professores em modificar suas concepções no processo ensino-aprendizagem. Através dos índices relevantes pode-se supor que as mulheres têm mais interesse pelos estudos que os homens, ou estes não podem estudar. Um dos prováveis motivos seria que, ainda a sociedade em que está inserida a escola, seja tipo patriarcal, assim os homens dariam mais importância ao trabalho do que a educação, e para eles o trabalhar continua sendo o caminho a trilhar. Quanto à faixa etária encontrou-se em uma mesma sala alunos com idades bem diferenciadas. A faixa etária dos alunos de Educação de Jovens e Adultos, responde a uma alteridade específica e se torna uma mediação significativa para a ressignificação das diretrizes curriculares (BASTIANI, 2011). Certamente, ao se estabelecer, ao se construir o planejamento de ensino deve-se levar em conta a idade dos alunos e suas especificidades, a sua condição sócio-histórica.

Alguns alunos (25%) tinham parado de estudar na forma regular havia pelo menos 5 anos, 02 alunos (12,5%) entre 10 e 15 anos, 04 (25%) deixaram de estudar há 20 anos e a maioria (37,5%) não frequentavam a escola há mais de 30 anos. A maioria (75%) dos alunos tinha deixado de estudar porque precisaram trabalhar, enquanto que 12,5% porque tinham doenças, e 12,5% porque moravam na zona rural e não tinha escola. Quanto aos motivos que levaram estes alunos a abandonar

a escola de ensino regular, na maioria dos casos isto ocorreu devido à falta de renda familiar e, conseqüentemente, à necessidade de trabalhar fora. Há vários estudos que relatam que um dos principais fatores que levam ao abandono escolar refere-se à necessidade de trabalho fora de casa. O resultado exposto vem a concordar e corroborar os estudos de Vogel e Mello (1991) citado por Souza e Alberto (2008) onde estes autores evidenciaram que a necessidade de trabalhar foi o principal motivo de abandono da rede escolar de ensino.

Mesmo após tantos anos afastados da escola, estes indivíduos perceberam a necessidade dos estudos, da aquisição de conhecimentos em suas vidas visando melhoras na qualidade de vida. Independente do motivo que afastou estas pessoas da escola, todos voltaram à sala de aula com o objetivo de aprender mais. Este fato fica evidenciado na Figura 2, que demonstra que na maioria dos casos este retorno escolar deve-se ao reconhecimento da necessidade de estudo. Dentre os vários motivos elencados, destaca-se necessidade de aprender a ler e escrever, exigência do trabalho e a oferta do ensino noturno.

Figura 2. Principais motivações do retorno ao estudo segundo os entrevistados.



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Além de estudar, 87,5% dos alunos entrevistados, desenvolvem outra atividade. Dentre as atividades desenvolvidas, 4 entrevistados são domésticas

(donas de casa), 4 são agricultoras, 1 é comerciante, 2 são mototaxistas, 1 é artesã, 1 é mecânico e 1 servente de pedreiro. Campos (2003) desenvolveu sua pesquisa acerca da relação trabalho/educação na EJA. A autora, ao trazer um breve histórico das políticas públicas educacionais da EJA notou que o pouco que foi feito não permite que jovens e adultos possam inserir-se e manter-se como trabalhadores-cidadãos em condições de igualdade e competitividade no mercado de trabalho, além de não permitir a promoção do acesso e permanência a uma educação básica, de qualidade. Esses resultados nos mostram o quão heterogêneo é o grupo avaliado, e a necessidade de políticas públicas específicas para este público (EJA).

O sentimento positivo em ter voltado a estudar foi observado em todos os alunos. Melhorar a mente, aprender mais, fazer novas amizades, está feliz, se sentir bem na comunidade, aprender algo que não teve oportunidade, mudar sua vida na família e na escola, foram algumas das respostas adquiridas quando perguntados sobre o que sentiam em ter voltado à escola. Descreve Costa *et al.* (2006), que uma característica frequente do(a) aluno(a) é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. Alunos do EJA são alunos que perderam parte de sua autoestima mediante as dificuldades durante sua vida. Sem autoestima o aluno cria um sentimento de inferioridade com relação aos colegas e com o professor influenciando no rendimento escolar do aluno, cabe então ao professor o grande desafio de encontrar meios de fazer com que todos esses alunos acreditem em si mesmos.

As maiores dificuldades elencadas pelos alunos durante a entrevista (Figura 3), após voltarem a estudar foram: contas (matemática), escrita e leitura e o fato de ter que estudar a noite.

Figura 3. Entrevista com os alunos de EJA.



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Oliveira (1996), investigando os processos de alfabetização de jovens e adultos, considera que o retorno escolar é um marco decisivo na retomada dos vínculos do conhecimento, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade.

Trabalhar com alunos EJA exige que o professor tenha um perfil flexível, manter um diálogo constante para facilitar a organização e o bom entendimento entre todos na sala de aula, estar atento às dificuldades de cada aluno. Isto é evidenciado por Hernández (1998), que ressalta o grau de importância do professor: o papel do professor é o de intérprete do processo ensino-aprendizagem e facilitador de novas experiências que levam os alunos a outras situações e problemas. 87,5% dos alunos consideram a metodologia adotada pelo professor “boa”, enquanto que 12,5% consideram “média” e nenhum aluno considerou a metodologia “ruim”.

Ao usar a metodologia onde se aprendeu a confeccionar diferentes materiais usando garrafas plásticas (Figura 4), 100% dos alunos acharam a metodologia

“boa”, pois propostas desarticuladas com o contexto do cotidiano desses alunos e com as peculiaridades inerentes à modalidade EJA, aumentam suas dificuldades de aprendizagem, contribuindo para a repetência ou evasão. Assim sendo, consistentemente com o que propõe Freire (2001), entende-se que se faz necessário ensinar na EJA por meio de uma metodologia que parta do cotidiano do aluno trabalhador e que considere, sobretudo, suas vivências pessoais e profissionais.

Figura 4. Móveis produzidos pelos alunos.



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

A metodologia reutilizou, entre maio e setembro, cerca de 200 garrafas plásticas de dois litros arrecadadas pela turma de EJA. O peso total aproximado foi de 11 kg, o que levaria muitos anos para se degradar no meio ambiente. A metodologia apresentou dificuldades em arrecadar número suficiente de garrafas para produção dos móveis por principalmente dois motivos: as garrafas para a produção dos móveis tem que ser padronizadas com o mesmo formato (quase sempre do mesmo fabricante); há formatos de garrafas plásticas que não dão o encaixe correto para a produção dos móveis, limitando a metodologia a quase praticamente marca de dois fabricantes.

A princípio a metodologia iniciou-se ensinando os alunos de EJA a construir pufes, que é a base para a construção de diversos outros móveis. A partir do momento que estes alunos forem se aperfeiçoando na técnica e arrecadando mais garrafas, novos móveis poderiam ser produzidos. Estes materiais pedagógicos foram expostos na Feira de Artes e Ciências da escola (Figura 5).

Figura 5. Apresentação dos materiais produzidos na feira de ciências da escola.



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Os móveis que foram produzidos em garrafa plásticas são tão quanto e até mais confortáveis e resistentes que móveis produzidos a partir de outros recursos naturais. Esse tipo de reciclagem tem obtido cada vez maior visibilidade, não só no setor empresarial, mas também com a população muitas vezes marginalizada que vislumbra uma oportunidade para fazer renda através da transformação desses materiais.

Uma palestra sobre a importância da economia solidária foi proferida durante a feira de ciências da escola, onde estavam presentes além dos alunos da turma, outras pessoas da comunidade escolar.

Figura 6. Palestra apresentada para os alunos da EJA.



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

A geração de trabalho renda está relacionada ao incentivo ao associativismo, ao cooperativismo, ao empreendedorismo e ao trabalho em equipe, habilidades de gestão que tendem a possibilitar ao aluno/trabalhador a tomada de decisões. Estes fatores foram motivados nas aulas usando práticas pedagógicas alternativas, como a construção de móveis com garrafas plásticas e a palestra sobre economia solidária.

Todos os alunos entrevistados acharam que os materiais produzidos podem ser usados como fonte de renda. O resultado esperado foi alcançado, tendo em vista que houve a motivação dos alunos da EJA através de atividades que visaram a transformação de um resíduo que poderia ser descartado de forma irregular na natureza ou ser reciclado a um preço que não poderia ser tão atraente em materiais para uso ou comercialização. O trabalho promoveu a agregação de valor ao produto, proporcionando a multiplicação em várias vezes do valor de venda do produto final. Desta forma, este material poderia ser comercializado pelos alunos que desejassem uma renda alternativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que tem como foco um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência, talvez pela oferta irregular de vagas, ou pelas inadequações do sistema de ensino ou ainda pelas condições socioeconômicas desfavoráveis em que se encontrava esse aluno. O professor tem que se adequar as necessidades individuais destes alunos propiciando novos meios de aprendizagem.

Com uma prática pedagógica inovadora pôde-se ensinar de forma alternativa, apresentando uma solução ambientalmente correta para a destinação final das garrafas plásticas usadas e, também uma forma mais rentável para outras pessoas arrecadarem dinheiro com a manufatura destes materiais, implementando entre elas uma economia solidária.

Foi observado que, quando um conteúdo é integrado de alguma forma ao seu contexto histórico e tendo esse conhecimento aplicações práticas, o ato de conhecer ativa a imaginação e o interesse.

6 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. V.; CAVALCANTI, M. S. L. Empreendimentos Econômicos Solidários e Inserção Social: o caso das mulheres catadoras de materiais recicláveis do Centro de Artes em Vidro no Município de Campina Grande - PB. In: MORAIS, C. R. S.; LIMA, N. M. O. *Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária*. Fortaleza: RDS Editora, p. 120-132, 2016.
- ALVES, J. N.; FLAVIANO, V.; KLEIN, L. L.; LOBLER, M. L.; PEREIRA, B. A. D. A economia solidária no centro das discussões: um trabalho bibliométrico de estudos brasileiros. *Cadernos EBAPE.BR*, vol.14, n° 2, 2016.
- ARAÚJO, J. C. S. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) *Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações*. Campinas: Papirus, p. 13-48, 2006.
- ARROYO, G. M. Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. In. SILVA, Tomaz Tadeu. *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BASTIANI, D. M. *Perfil e desafios dos alunos da educação de jovens e adultos do município de Santa Helena-PR*. 52 f. Monografia (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.
- BEHRENS, M. A. *Formação continuada dos professores e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1996.
- BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer n. 11, de 09 de junho de 2000. Brasília: MEC, 2000. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/files/legislação%202_0.pdf>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2017.
- BRUNEL, C: *Jovens Cada Vez Mais Jovens na Educação de Jovens e Adultos*. Cuiabá: Ed. Mediação, 2011.
- CAMPOS, E. L. F.; OLIVEIRA D. A. *A Infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- CATTANI, D. A. (Org.). *A Outra Economia*. Porto alegre: Veraz, 2003.
- CORRÊA, R F. M.. *Reutilização de garrafas PET para produção de móveis e Desenvolvimento Socioambiental*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Municipal Prof. Franco Montoro. Mogi Guaçu, 2010.

COSTA, E. ÁLVARES S. C., BARRETO V. *Trabalhando com a educação de jovens e adultos, alunas e alunos da EJA*. Brasília: Unb, 2006.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas. *Educação e Sociedade*, vol. 31, nº 112, p. 939-959, 2010.

DIAS, R. O.; SANTOS R.G; VIEIRA S.M. *O Design na Reutilização de Garrafas PET: Desenvolvimento de Luminárias*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. São Paulo/SP, 2008.

FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J. *Economia Solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREIRE, A. M. A. *Analfabetismo no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 165p.

GADDOTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. 10a ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GADOTTI, M. Educação de Adultos como Direito Humano. *EJA em Debate*, vol. 2, nº 2, 2013.

GAIGER, L. I. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, vol. 47, nº 4, p. 799-834, 2004.

GAIGER, L. I. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 84, p. 81-99, 2009.

GALLO, S. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GONCALVES, M. F. *Currículo Oculto e Culturas de aprendizagem na formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HADDAD, S. A Ação de Governos Locais na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 12, nº 35, p.197-211, 2007.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Aprendizagem de Jovens e Adultos: Avaliação da Década da Educação Para Todos. *Perspectivas*, vol. 14, nº 1, p. 29-40, 2000.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

IRELAND, T. D. *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática*. Brasília: UNESCO, 2008.

IRELAND, T. D., MACHADO, M. M. e IRELAND, V. E. J. C. Os desafios da educação de jovens e adultos: vencer as barreiras da exclusão e da inclusão

tutelada". In: KRUPPA, Sonia M. P. (org). *Economia Solidária e Educação Jovens e Adultos*, disponível em <http://www.inep.gov.br>. Acesso em 02/02/2017.

LEBOUTTE, P. *Economia Popular Solidária e políticas públicas: a experiência pioneira do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: ITCP/COPPE, 2003.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.

MACEDO, E.; ALVES, N.; MANHÃES, L. C.; OLIVEIRA, I. B. *Criar currículo no Cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, M. M. A prática e a formação de professores na EJA: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 23. São Paulo: ANPED, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, I. B. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, M. C. *Metamorfose na construção do alfabetizando pessoa*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1996.

PADUA, S. M. ; SÁ, L . M. O Papel da Educação Ambiental nas Mudanças Paradigmáticas da Atualidade. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, nº 102, p.71-83, 2002.

PAIVA, J. Tramando Concepções e Sentidos para Redizer o Direito à Educação de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Educação*, vol.11, nº 33, p.519-539, 2006.

PENTEADO, M. J. A. C. Conceitos pra se fazer Educação Ambiental. *Cadernos de Educação Ambiental*. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo n.3 112p., 1999.

RAZETO, L. O papel central do trabalho e a economia de solidariedade. *Proposta*, vol. 75, p. 91-99, 1997.

ROCHA, H. F.; KARL, H. A.; VEIGA, M. S.; GUIMARÃES, M. *As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos*. Pedagogia em Foco. Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens01.html>>. Acesso em: 02/01/2017.

ROMÃO, J. E. Compromisso do educador de jovens e adultos. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). *Educação de jovens e adultos: teoria prática e proposta*. São Paulo: Cortez, vol. 5, 2006.

RUMMERT, S. M. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI: o novo que reitera antiga destituição de direitos. *Revista de Ciências da Educação*, nº 2, p. 35-50, 2007.

RUMMERT, S. M.; VENTURA, J. P. Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade: considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. *Educar em Revista*, n° 29, p. 29-45, 2007.

SANTOS, M. A. M. T. *A produção do sucesso na educação de jovens e adultos: o caso de uma escola pública em Brazlândia*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, A. P.; VITAL, A. F. M. Aprendendo, Fazendo e Colorindo a Cidadania: uma nova perspectiva da Economia Solidária na EJA. In: MORAIS, C. R. S.; LIMA, N. M. O. *Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária*. Fortaleza: RDS Editora, p. 50-61, 2016.

SOUZA, O. M. C. G., ALBERTO, M. F. P. Trabalho Precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. *Psicologia em estudo*, vol. 13, n° 4, p. 713-722, 2008.

SINGER, P. A Economia Solidária como Ato Pedagógico. In: KRUPPA, S. M. P. (Org.). *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Inep, p. 13-20, 2005.

SINGER, P. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 1998.

SINGER, P. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Org.). *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, C. M. Nenhum brasileiro sem escola: projetos de educação de adultos do Estado desenvolvimentista. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, J. C.; SILVA, L. A. C. Educação Popular e Economia Solidária: relato de experiência de um projeto para prática pedagógica no espaço escolar. In: MORAIS, C. R. S.; LIMA, N. M. O. *Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária*. Fortaleza: RDS Editora, p. 107-119, 2016.

VIEIRA, M. C. *Fundamentos históricos, políticos e sociais da Educação de Jovens e Adultos*: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Brasília: UnB/CEAD, 2004.

APÊNDICE

Questionário aplicado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
COM ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO
ALUNA: Ozineide Felismino da Costa
ORIENTADOR: José Carlos Oliveira Santos

Entrevista com alunos da EJA do 2º Ciclo da Escola Severino Ramos da Nóbrega
na cidade de Picuí - PB.

Nome _____ Idade _____ Sexo: _____

QUESTIONÁRIO

- 1) Qual seu grau de escolaridade?

- 2) Faz quanto tempo que você tinha parado de estudar?

- 3) Qual o motivo que você tinha parado de estudar?

- 4) Porque voltou a frequentar a escola?

- 5) Além de estudar você desenvolve outra profissão? () Sim () Não
Qual?

- 6) Como você se sente tendo voltado a estudar?

- 7) Qual a maior dificuldade que você enfrenta na escola?

- 8) O que você acha da metodologia do ensino adotada por seu professor?
() boa () média () ruim
- 9) O que você acha da metodologia do ensino que usa oficinas adotadas por seu professor?
() boa () média () ruim
- 10) Nas oficinas você aprendeu a confeccionar diferentes materiais. Você gostou?
() sim () não
- 11) Você acha que esses materiais poderiam ser usados como fonte de renda?
() sim () não